



## Entrevista

Prof. Dr. François Hartog  
École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)

---



---

## Entrevistadores

Danilo Marques

Débora Cazelato

Deise Rodrigues

## Tradução

Raíssa Palma  
(Aliança Francesa – Ouro Preto)

## Revisão técnica

Danilo Marques

Deise Rodrigues



**Temporalidades:** Na sua trajetória intelectual o senhor caminhou da história antiga à historiografia, à história da história. Como foi essa transição de uma área para outra? O senhor se considera um historiador-filósofo que busca valorizar o diálogo entre a historiografia e a filosofia?

**Professor François Hartog:** Sim e não. Sim, pois a partir do meu livro sobre Fustel de Coulanges, *Le cas Fustel de Coulanges* (O caso Fustel de Coulanges), trabalhei diretamente sobre outros períodos, no caso, o século XIX. Não, pois o meu primeiro livro *Le Miroir d'Hérodote* (O Espelho de Heródoto) já tinha sido alvo de um questionamento historiográfico, devido ao próprio título: Heródoto, considerado como este espelho no qual a história ocidental não parou de se observar, e onde eu havia buscado respostas para alguns momentos-chave. Como é possível que aquele que foi designado como o "pai" da história tenha também sido considerado pela tradição como um "mentiroso"?

A filosofia é outra questão: a minha formação não é a de um filósofo, apesar de ter lido e continuar lendo filósofos. Na França, especialmente, a história se constituiu como disciplina, dando as costas (por razões que levariam muito tempo para se explicar) para a filosofia da história. É uma posição prejudicial: eu acho que os filósofos podem fazer perguntas filosóficas à história, assim como os historiadores podem fazer perguntas históricas à filosofia, e que deve haver, conseqüentemente, um espaço comum de reflexão.

**Temporalidades:** Tem-se presenciado nos últimos anos, pelos Departamentos de História das mais diversas universidades, uma verdadeira expansão das reflexões conceituais em torno de teorias da história e histórias da historiografia. A que o senhor atribuiria essa crescente "sedução da história pela epistemologia"?

**Professor François Hartog:** Eu não estou certo se o que vocês afirmam poderia ser verificado em todos os lugares, mas percebe-se, particularmente no Brasil, tal fenômeno. Mais precisamente, eu veria um movimento triplo: uma questão de método, de teoria e de epistemologia (muitas vezes essas palavras são usadas um tanto quanto indistintamente). Mais recentemente, uma virada arquivística, o que conta são os arquivos, aqueles que irão ajudar a construir uma boa história (arquivos familiares, jornais, registros judiciais, policiais,



etc.): uma valorização do arquivo e um refinamento considerável no seu tratamento e, finalmente, uma virada ética, especialmente em casos de memória e justiça. Como articular história e ética? Essas três esferas (não rotativas)<sup>1</sup>, que têm cada uma sua especificidade, parecem apontar para a mesma direção: a de uma perda de segurança do discurso histórico comum ou canônico. Elas são, ao mesmo tempo, os sintomas de uma situação e respostas, mais ou menos organizadas, para esta situação.

**Temporalidades.** Assim como o conhecimento histórico vem sendo construído em diálogo com outras formas de saber, temos histórias que são escritas por pessoas de outra formação, os jornalistas, por exemplo. No Brasil, nos últimos anos, houve um crescimento da produção histórica por historiadores não profissionais, algo que parece incomodar alguns Departamentos de História. Ao mesmo tempo, existe um movimento pela profissionalização do historiador no Brasil. Como o senhor vê essas duas questões sobre a história não *stricto sensu* e o processo de regulamentação da profissão do historiador?

**Professor François Hartog:** A codificação das regras do *métier* anda de mãos dadas com a institucionalização da disciplina. Os grandes codificadores foram alemães (com Ranke, sendo o pai da história moderna), bem como historiadores metódicos franceses (Langlois e Seignobos). E pode-se perceber esse movimento como vários círculos concêntricos que emanam das manifestações iniciais. Mas é preciso observar que, ao contrário, a história não tem sido escrita apenas por historiadores patenteados! Lembrem-se que Walter Scott foi considerado nos anos 1820-1830 como o modelo de escrita histórica! A história acadêmica teve que lutar para se impor. Diante de si, ela tinha todos aqueles que, desde então, foram chamados de "historiadores amadores". Mas ela nunca os reduziu ao silêncio, longe disso, e a história acadêmica foi lida durante um longo período por um público muito limitado. Este fato conferiu à história acadêmica o status e uma alta ideia de sua missão, que é a sua ligação intrínseca com a construção das nações e sua função educadora (ensinar a Nação). Hoje a situação é diferente: a história nacional está sempre (talvez demasiado) presente, mas a história acadêmica não pode mais reivindicar o monopólio. Muitos outros vetores e produtores existem e estão em cena. Ou seja, eles têm acesso às mídias e, portanto, podem divulgar os livros ou filmes que escreveram ou dirigiram. É um mundo ao qual, de modo

---

<sup>1</sup> Não foi possível manter o jogo de palavras e a aliteração presentes no original em francês: *Ces trois tours (pas toumant)s*.



geral, os historiadores profissionais não têm acesso, mesmo que alguns se arrisquem. A situação está mudando muito rapidamente diante dos nossos olhos, com o desenvolvimento dos jogos na internet e dos videogames. Todo mundo poderá ou até mesmo já pode produzir a sua própria história: o que acontece nestas condições com noções como "consciência histórica" ou "memória coletiva"?

**Temporalidades:** A tradição francesa de historiografia contribuiu fortemente sobre o modo de se fazer história no Brasil. Podemos dizer que a maior influência tenha sido a história social dos *Annales*, a história cultural e mesmo, a sua obra *Regimes de Historicidade*. Atualmente, vemos no Brasil uma tendência crescente dos estudos ligados à história da linguagem de tradição anglo-saxônica e à história dos conceitos, de origem alemã em concorrência dessa tradição historiográfica francesa. Como o senhor avalia essas novas aproximações e como vê o futuro da relação entre a historiografia francesa e a historiografia brasileira?

**Professor François Hartog:** Não cabe a mim definir as relações entre a historiografia francesa e a historiografia brasileira. Nem no âmbito da França, e nem, certamente, no do Brasil! Eu penso que entre as abordagens, digamos, da escola de Cambridge – sob a ótica de Skinner – a da história conceitual - o *Begriffsgeschichte* sob a ótica de Koselleck - e de certa história intelectual francesa, existem abordagens e questionamentos que se sobrepõem. Se falarmos de meu livro *Régimes d'historicité* (Regimes de historicidade), cuja tradução foi publicada há pouco no Brasil, me parece que ele tem inspirado certo número de trabalhos que colocaram no centro de seu questionamento as modalidades de nossas experiências do tempo. É apenas uma abordagem, ela não responde a todas as perguntas e tampouco pretende a isso, mas oferece trilhas comparativas para interrogar as sociedades ontem e hoje, na Europa ou em outros lugares. Eu noto que o próprio título da revista de vocês marca sua particular atenção para as “Temporalidades”. O que eu pude perceber, por ocasião de encontros de historiadores brasileiros em São Paulo, é o número de participantes, a forte presença de doutorandos, o número impressionante de publicações lançados por várias editoras, mas eu seria incapaz de avaliar as tendências.

**Temporalidades:** Para finalizar, o senhor poderia fazer algumas considerações sobre o presentismo: seria possível escrever uma história do ponto de vista de um presente



onipresente e autorreferente? A partir da concepção de que hoje as sociedades ocidentais viveriam uma nova experiência do tempo, presentista e estruturalmente diferente daquela moderna, o senhor pensa ser possível sustentar a afirmação de que atualmente haveria, de fato, uma “condição pós-moderna”? Em *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*, o senhor declarou que uma das características mais marcantes do presentismo é olhar o futuro, “mas a partir de um presente contínuo, sem solução de continuidade nem revolução”. A história já nos deu vários exemplos de como a política foi feita tendo como referencial, por um lado, o passado e a tradição e, por outro, o futuro e a utopia. O que o senhor diria sobre as possíveis implicações do regime de historicidade presentista na ação política?

**Professor François Hartog:** O que havia de moderno na história "moderna", aquela do conceito moderno de história, é que ela esclarecia o passado a partir do futuro e desenvolvia uma série de conceitos temporalizados, que foram operadores potentes, tais como o de civilização, o de revolução ou o de modernização. Por outro lado, a história "antiga", pelo menos aquela que tratava do que eu chamo de antigo regime de historicidade, esclarecia o presente pelo passado.

Ao longo dos últimos trinta ou quarenta anos, a mudança mais notável foi esse distanciamento do futuro (especialmente na Europa). Falou-se sobre crise do futuro, de seu encerramento, enquanto, simultaneamente, o presente tendia a ocupar todo o espaço. Esta transformação de nossa relação com o tempo passou a desenhar uma nova configuração, que eu propus nomear como presentismo. Como se o presente, esse presente do capitalismo financeiro, da revolução da informação, da globalização, mas também da crise atual (desde 2008) absorvesse em si as categorias (que acabaram por se tornar mais ou menos obsoletas) de passado e futuro. Como se o seu próprio horizonte se transformasse, sofresse uma mutação para um presente perpétuo. Com ele, algumas palavras de ordem foram elevadas ao primeiro plano de nossos espaços públicos, e, junto com elas, certas práticas que se traduzem por políticas, tais como: memória, patrimônio, comemoração, reparação, reconciliação etc. Aí estão algumas das maneiras de buscar o passado no presente, favorecendo uma relação imediata, usando de empatia e identificação. Basta visitar os memoriais e museus de história, inaugurados em grande número no mundo todo nos últimos anos, para ficar convencido disso. Na linguagem comum, a palavra "memória" tende a se tornar o termo mais abrangente, mais evidente, em vez de história. O presente



presentista é cercado por uma série de noções ou conceitos *destemporalizados*<sup>2</sup> tais como "modernidade", "pós-moderno", mas também "globalização", sendo ainda necessário acrescentar, no mínimo, o conceito "identidade", o mais utilizado e mobilizado.

Esses deslocamentos, essa variação, assinalam um fenômeno duradouro ou transitório? Não se sabe. E inclusive nós estamos apenas agora começando a compreender suas dimensões. Na verdade, estamos começando a trilhar um caminho: o conceito moderno de história (futurocentrado<sup>3</sup>) tem perdido eficácia para dar sentido a um mundo que, ou é inteiramente absorvido no único presente cabível, ou ainda, cada vez mais claramente, não está sabendo como regular suas relações com um futuro percebido no modo de ameaça e catástrofe que se apresenta. Um futuro, não mais indefinidamente aberto, mas um futuro cada vez mais restrito, se não fechado, devido, em particular, à irreversibilidade gerada por muitos de nossos atos. Forjada na Europa, ligada à sua expansão e dominação, esta História moderna (a um passo de se tornar antiga) também foi, sob várias formas e através de múltiplas interações, regente do mundo, oscilando entre sentido, *non-sens* e ciência da História. Nós não acreditamos mais neste conceito, ou pelo menos, não verdadeiramente, mas continuamos a usá-lo; ele está aí, ainda familiar e um pouco em desuso, tornou-se incerto, mas continua disponível, pelo menos até que outro venha assumir o seu lugar. Ou, mais provavelmente, esperando até que um novo conceito venha a se acrescentar aos precedentes. As políticas não hesitam em mobilizá-lo, nem tampouco as mídias, a literatura o interroga com frequência e os historiadores, nunca deixando de utilizá-lo, ainda acreditam em seus poderes cognitivos. Eles ainda acreditam que a história está para ser feita, e eles a estão fazendo, mesmo que não se pronunciem muito sobre o fato de decidir quem fez e quem faz essa história, ou melhor, essas histórias. São justamente essas as questões que abordei em meu último livro intitulado *Croire en l'histoire* (Crer na história).

---

<sup>2</sup> Do original *détemporalisés*

<sup>3</sup> Do original *futurecentré*